

# TRATAMENTO RADIOTERÁPICO DE LINFOEPITELIOMA DE COLO UTERINO: RELATO DE CASO

Raquel Maria de Moraes Pereira<sup>1</sup>; Leandro Baldino<sup>2</sup>; Márcio Neves Stefani<sup>3</sup>; Isabelle Simões Barroso<sup>1</sup>; Louise Lima de Souza<sup>1</sup>; Maycon Fran Soares da Silva Rocha<sup>1</sup>; Igor Ferreira de Souza<sup>?</sup>.

1. Acadêmico(a) de medicina da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) 2. Médico radioterapeuta da Fundação Centro de Controle de Oncologia do Estado do Amazonas (FCECON) 3. Médico cirurgião oncológico da Fundação Centro de Controle de Oncologia do Estado do Amazonas (FCECON) 4. Médico residente de Cirurgia Geral pela Fundação Hospital Adriano Jorge (FHAJ). Contato do relator: rmdmp.med@uea.edu.br.

**Introdução:** O carcinoma tipo linfóepitelioma é raro, representa cerca de 0,7% de todas as neoplasias do colo do útero nos países ocidentais, sendo mais incidente na região asiática. A patogênese deste câncer ainda não é totalmente esclarecida, mas tem relação com a infecção pelo HPV de alto risco e o pelo vírus Epstein-Barr. **Relato de caso:** Paciente H.N.M., 67 anos, gesta 3, para 3, aborto 0, ex-tabagista de longa data, IMC: 38kg/m<sup>2</sup>, apresentou no exame de Papanicolau, alteração escamosa e sangramento recorrente após a coleta. Negou dor e corrimento vaginal, além de ausência de linfonomegalias. Realizou-se investigação com biópsia de colo uterino que revelou, na histopatologia, agrupamento de células epitelioides atípicas em meio a denso infiltrado linfóide e, no exame imunohistoquímico, expressão para citoceratina, proteína p63 e p16. Estes achados indicaram o diagnóstico de carcinoma tipo linfóepitelioma de colo uterino. O tratamento primeiramente cogitado foi a histerectomia. No entanto, a paciente sofreu um infarto agudo do miocárdio que impossibilitou o tratamento cirúrgico. Realizou-se, então, terapêutica associando a quimioterapia à radioterapia. A paciente evoluiu bem, sem complicações e segue com acompanhamento clínico para identificação precoce de possível recidiva. **Discussão:** A respeito do tratamento desta variante rara, evidências científicas demonstram que a maioria das pacientes foram submetidas à histerectomia e evoluíram com um bom prognóstico. No caso descrito, todavia, a conduta cirúrgica foi contraindicada e realizaram-se 7 sessões de quimioterapia com cisplatina semanal (40 mg/m<sup>2</sup>), além de radioterapia tridimensional em região da pelve com dose de 33 x 1,8 Gy (total 59Gy), associada a braquiterapia 4 x 700Gy (2.800 CGy), no período de 5 meses. A dose foi de 60 Gy, prescrita dentro da curva de isodose com máxima diminuição de riscos aos órgãos adjacentes, a paciente evoluiu sem efeitos colaterais ou complicações. Apesar de o carcinoma escamoso de colo uterino ser o mais comum, o linfóepitelioma possui melhor prognóstico, tem menor probabilidade de metástase e maior taxa de sobrevida. **Comentários finais:** Por ser raro, as alternativas terapêuticas específicas para este câncer foram pouco relatadas no Brasil. Este relato elucidou as características clínicas manifestadas e o tratamento realizado, com o intuito de acrescentar informações aos dados da literatura e expandir o conhecimento sobre o câncer.

Descritores: Câncer de colo uterino, radioterapia, quimioterapia

## REFERÊNCIAS

- Chao A, Tsai CN, Hsueh S, Lee LY, Chen TC, Huang SL, et al. Does Epstein-Barr virus play a role in lymphoepithelioma-like carcinoma of the uterine cervix? *Int J Gynecol Pathol* 2009;28:279-85
- Hyun SY1, Sun KL1, Gun Y1, Hwi GK1, Dong HL1, Yong JN1, et al. Lymphoepithelioma-like carcinoma of the uterine cervix . *Obstet Gynecol Sci*; 2017;60(1):118-123